

PRÁTICA DIVINATÓRIA E EXERCÍCIO DO PODER
(O Jogo de Búzios nos Candomblés da Bahia)

Júlio Santana Braga

“La divination est malheureusement très mal étudiée. On la définira un système de représentations concernant l’avenir, déterminé en fonction du présent et du passé. La divination procède à l’aide de sympathies, de correspondances, de forces sui generis. Elle voit passé et avenir sur le plan du présent, dans une confusion qui évoque la confusion du rêve. La divination emprunte à la religion et à la magie tous ses principes de raisonnement”.

MAUSS, Marcel. *Manuel d’Ethnographie*.

O presente trabalho, nos limites a que voluntariamente nos propomos, pretende examinar o papel desempenhado pela prática divinatória com o auxílio dos búzios (Cyprea moneta) a que recorrem os sacerdotes (pais ou mães-de-santo) dos cultos afro-brasileiros. As nossas observações de campo foram realizadas na Bahia, especialmente na cidade de Salvador, sua Capital, junto aos sacerdotes e membros efetivos dos denominados candomblés da Bahia.

As conclusões, aqui enunciadas, resultam ou fazem parte integrantes do estudo que realizamos tendo em vista a elaboração de uma tese de doutorado em antropologia recentemente defendida na Universidade Nacional do Zaire, intitulada: *Le jeu de “búzios” dans le candomblé de Bahia; étude de la divination dans les cultes afro-brésiliens*. Para uma compreensão mais ampla dos dados aqui referenciados, e mais particularmente quanto à prática divinatória propriamente dita, remetemos o leitor à nossa tese acima referida.

Pelo que nos foi dado investigar, a adivinhação tal como ela é praticada nos candomblés da Bahia e, especialmente, no

que se refere aos resultados dela extraídos, não parece ser uma simples tentativa de conhecer o futuro, nem muito menos uma busca constante do que se realizou no passado. Ela é, essencialmente, uma tentativa de conhecer diacronicamente aquilo que não é ainda do conhecimento daquele que solicita uma consulta. Esse “desconhecido” pode ser definido como aquilo que escapa à compreensão e/ou à apreensão imediata, cuja existência se atualiza no momento mesmo em que é revelado. Essa concepção do fenômeno divinatório nos leva a admitir que os búzios, enquanto instrumentos utilizados para a adivinhação, constituem uma força, por assim dizer, de presentificação de eventos passados ou futuros sem evidencição do seu conteúdo temporal. São esses eventos que, analisados, poderão conduzir o pai-de-santo ou auxiliá-lo na busca das soluções que hão de ser tomadas no *aqui e agora*.

Uma vez consciente da necessidade de um auxílio prove-niente de instâncias que se situam para além do real, pois no plano do real as tentativas efetuadas não provocaram os efeitos desejados, o indivíduo, então, procura um pai-de-santo e dele solicita uma consulta. A rigor, ele solicita um diálogo com as divindades, orixás, voduns ou inkisis, conhecidas e reverenciadas nos candomblés da Bahia e que constituem o panteão afro-brasileiro. O pai-de-santo, a partir daí, desempenha o seu papel fundamental, que é o de conduzir esse diálogo, pois que para isso foi devidamente sacralizado pelos rituais iniciáticos. Cabe-lhe, assim, entrar em comunicação com o universo do sagrado para, em seguida, informar ao consulente a propósito do desconhecido que o inquieta. E, ainda como função precípua do seu mister de adivinho, encontrar junto às divindades os meios mais propícios de o consulente beneficiar-se do que lhe não era dado conhecer.

Essa comunicação com o universo do sagrado é realizada por intermédio dos dezesseis búzios, convenientemente sacralizados para que possam servir de receptor dos enunciados divinos. As combinações, dois a dois, — um “aberto” e outro “fechado” — que são produzidas e as configurações — disposições dos búzios no espaço sagrado — constituem o micro-universo onde está simbolicamente projetada a vida do consulente. A eficiência do pai-de-santo está no saber decifrar esse micro-universo, decodificando-o em função do que é necessário conhecer.

Diversos elementos contribuem para que o pai-de-santo possa encontrar a solução ou as soluções as mais adequadas em relação ao problema que motivou a consulta. O conhecimento das características especiais das divindades que respondem no jogo divinatório, aliado às indicações eventualmente contidas nas questões formuladas e, sobretudo, o bom-senso

adquirido no trato dos problemas que afligem as pessoas, tudo isto dá ao pai-de-santo a segurança e qualificações necessárias para interpretar, de maneira correta, o conjunto de elementos simbólicos formados pela “queda” dos búzios.

A inteligência divinatória consiste na capacidade de excluir as configurações que não oferecem nenhuma relação com o problema em questão. E decidir quanto às configurações que deverão ser eliminadas, é tarefa das mais importantes da operação divinatória e somente o pai-de-santo, que está realizando o jogo, será capaz de fazê-lo. Uma outra decisão, que não a sua, provocaria uma desorganização dos mecanismos intelectuais que estão sendo acionados em função da análise que está sendo mentalmente realizada pelo pai-de-santo.

Interpretadas as configurações que foram selecionadas, o pai-de-santo disporá de uma soma de elementos indicadores do que deve ser prescrito como meio mágico capaz de interferir positivamente junto às divindades em benefício do consulente. Alcançamos aqui o domínio dos ebós, o sortilégio a oferecer às divindades. O ebó é um dos principais elementos constitutivos da operação divinatória que só chega ao fim após sua prescrição. E com o ebó prescrito pelo pai-de-santo, auscultadas as divindades quanto à pertinência de sua confecção, que o consulente deverá alcançar o que deseja.

Qualquer que seja a situação motivadora de uma consulta — e aqui nos referimos mais especialmente às consultas solicitadas por pessoas não diretamente comprometidas com os candomblés —, a revelação, ou no sentido que entendemos, a presentificação de acontecimentos produz no consulente um estado de perplexidade face ao revelado, criando, a partir desse instante, as condições essenciais para um relacionamento de dependência em relação àquele cujos poderes foram postos em evidência e que se encontram acima de suas limitações.

De uma maneira geral, esses acontecimentos, por existirem numa ordem cósmica e por não terem sido ainda vividos pelo consulente na sua percepção do real, são considerados acessíveis tão somente a quem dispõe de poderes capazes de captar uma realidade para além do puramente real. E no diálogo que se estabelece entre o consulente e as divindades, é da alçada do pai-de-santo, servindo aí como elemento intermediário, captar e trazer para o universo existencial do consulente essa meta-realidade que somente a ele é dado o poder de apreensão.

Mas, como intermediário, o pai-de-santo participa ativamente desse diálogo e dele tira proveito. Admitimos ser, a partir desse instante, o momento primeiro utilizado pelo pai-de-santo para a construção de toda uma cadeia de relações

interpessoais que tende a cristalizar um sistema de dependência do consulente em relação à sua autoridade sacerdotal. E essa autoridade se manifesta, gradativamente, na medida que ele detém a competência de afastar o nefasto da trama dos "acontecimentos". E, no caso de impossibilidade de um afastamento total desse nefasto, o pai-de-santo tentará racionalizá-lo de maneira que possa ser aceito na ordem natural das coisas, ora minimizando-o, ora tornando-o inexpressivo, diminuindo, desse modo, os danos que poderiam causar ao consulente.

Essa capacidade, ainda que limitada, de manipular, dominar e reduzir ou, no sentido inverso, de poder agravar os perigos a que está submetido o consulente, faz do pai-de-santo um detentor de poderes excepcionais. Esses poderes poderão ser acionados, num momento qualquer, seja em proveito pessoal ou, no que é mais freqüente, em benefício da comunidade que ele dirige, sem detrimento da sua autoridade face aos seus acólitos.

A consulta ou o diálogo estabelecido entre o consulente e as divindades por intermédio do pai-de-santo, tem por função implícita eliminar o que, na prática, denominamos de acaso, isto é, aquilo que aconteceu mas que não estava programado. Nesse sentido, o acaso não existe nos limites da concepção de mundo dos que participam dos candomblés da Bahia. O que existe ou o que é admitido existir, são eventos ainda não veiculados pela prática divinatória. Atingimos, aqui, o conceito de destino tal como é concebido pelos membros dos cultos afro-brasileiros. O destino, na sua formulação mais simples — uma sucessão de fatos que devem se produzir independentemente da vontade individual, já foi, num tempo mítico, inexoravelmente determinado. O destino pessoal de cada indivíduo (odu), em suas linhas gerais, é revelado, através da prática divinatória, àqueles que passaram pelos complexos rituais iniciáticos dos candomblés da Bahia. Porém, o destino pode sofrer algumas alterações ou se reajustar com a convivência divina. No caso de comprovada necessidade dessas alterações, o pai-de-santo poderá interferir junto ao universo sagrado para que se efetuem tais reestruturações. O que se espera da ação divina não é, evidentemente, uma mudança radical do destino pessoal — o que seria impossível — mas a sua reorganização no sentido de amenizar os sofrimentos do indivíduo consulente.

Emitimos a hipótese de que a consulta a um pai-de-santo orienta-se em dois planos que se completam mutuamente. No primeiro plano, está a possibilidade de indicar ao consulente quais os passos que deverão ser seguidos para que ele alcance seus objetivos. Esse tipo de consulta parece ser a mais

freqüentemente solicitada, mesmo pelo próprio pai-de-santo quando ele desempenha os papéis simultâneos de consulente e adivinho. No segundo plano, e nem por isso menos importante, está a possibilidade de interferir no destino pessoal, reestruturando o que foi anteriormente traçado. Em qualquer caso, e numa perspectiva puramente religiosa, o pai-de-santo perde sua individualidade para participar do sagrado na medida em que ele codifica as questões formuladas pelo consulente e as transmite às divindades através a manipulação dos instrumentos sagrados empregados na prática divinatória. Sua participação no sagrado se prolonga até o momento em que ele transmite as respostas das divindades ao consulente. Neste último caso, o pai-de-santo é, apenas, um instrumento de que se servem os deuses para transmitir suas mensagens, que são, do mesmo modo, codificadas. E somente o pai-de-santo possui a capacidade de as “decodificar”, transformando a linguagem sagrada em linguagem acessível ao consulente.

Um indivíduo, iniciado ou não, pode recorrer a um pai-de-santo para uma consulta sobre qualquer tipo de dificuldade em que ele se encontre, independente do grau de complexidade do problema. De acordo com o sistema de crenças que condiciona as comunidades religiosas afro-brasileiras, nada acontece acidentalmente, como já tivemos ocasião de assinalar, e tudo depende exclusivamente da vontade divina. Daí porque as divindades são freqüentemente consultadas. A sociedade humana é orientada e conduzida pela “sociedade divina” e nada escapa ao seu controle. Todos os problemas relacionados com a vida humana nada mais são que manifestações do mundo sagrado. As dificuldades que surgem no dia a dia de uma pessoa, são impostas pelas divindades como sinal de reprovação à transgressão de um tabu, à não observação de um desejo divino, ou o que é mais freqüente, resultam de uma ação maléfica produzida por uma outra pessoa. Nesse último caso, ainda que se trate de uma ação humana, isto não exclui, entretanto, a responsabilidade divina.

Essa transferência de responsabilidade que se verifica no plano social para o plano sobrenatural explica, em grande parte, a importância do pai-de-santo na comunidade religiosa e mesmo na comunidade maior onde se inserem os candomblés. Essa transferência auxilia também a compreensão da eficácia terapêutica prescrita pelo pai-de-santo, pois que ela emana do mundo sagrado. Essa terapêutica ainda que possa possuir certas virtudes médicas, já atestadas pela farmacologia científica, como é o caso para um número considerável de plantas, o seu grau de poder curativo está diretamente ligado ao conteúdo mágico-religioso que se lhe empresta.

Ainda que estejamos convencidos de que a adivinhação se apóia fundamentalmente num conjunto de conhecimentos especiais integrados no universo intelectual do adivinho e, sobretudo, numa excepcional capacidade de observação crítica de quem a pratica, os seus efeitos só serão levados em consideração se ela for acionada dentro de um quadro definido de religiosidade. E ela terá alcançado seu significado social, se as soluções encontradas estiverem em conformidade e em plena adequação com os três planos que a envolvem: o plano individual, social e religioso. Quando individual, a solução deve ser encontrada sem perder de vista a relação existente entre o homem e sua sociedade e o seu universo mágico-religioso. Nesse conjunto tridimensional, o pai-de-santo se situa como um verdadeiro conciliador do homem com ele próprio; do homem com o mundo sagrado e do homem com o mundo profano.

Outro fator de grande importância e que determina a eficiência da adivinhação, é a experiência social de quem a pratica. Nas comunidades religiosas afro-brasileiras, o pai-de-santo é o indivíduo mais bem informado do grupo. Seus acólitos, seus colegas, aqueles que privam de sua amizade pessoal, formam uma verdadeira cadeia de informações, pondo-o em contato com quase tudo o que se passa ao nível de sua comunidade, bem como ao nível da comunidade religiosa em geral. Ele está sempre bem informado do que acontece nas outras comunidades religiosas e não para de obter informações por força dos contatos mantidos com membros dos outros grupos religiosos. O pai-de-santo se beneficia constantemente do chamado "fuxico" dos candomblés, isto é, a crônica maliciosa e indiscreta dos acontecimentos excepcionais e que constituem infrações às normas sedimentadas no universo religioso, infrações provocadas por um ou mais indivíduos.

Esse contato quotidiano que o pai-de-santo mantém com tudo o que se passa na comunidade o coloca numa posição privilegiada para o exercício da prática divinatória, e, em consequência para o exercício do poder sacerdotal. O fato de saber manipular as técnicas da adivinhação o põe acima de todos aqueles que o cercam. O caráter incontestável de suas atitudes resulta do fato de ser o único, na comunidade que dirige, a possuir o direito, sem nenhuma restrição, de consultar as divindades. E, se eventualmente delega esse direito, ao curso de uma cerimônia qualquer, tal gesto consolida, ainda mais, seu poder pessoal, pois que, no grupo, é o único com a prerrogativa de conceder tais privilégios ou honrarias dessa importância a seus subordinados.

Não seria excessivo dizer que o fato de o pai-de-santo ser o único na sua comunidade a recorrer às práticas divinató-

rias lhe confere um poder absoluto e o coloca numa situação de independência total para todo gesto de autoridade diante da comunidade que dirige. Nenhum dos seus acólitos, nem mesmo aqueles situados nos mais altos escalões da hierarquia religiosa, se permitiria a impertinência de contestar uma só de suas atitudes ou decisões tomadas, pois que traduzem a vontade das divindades consultadas.

Ainda que muitas de suas atitudes estejam diretamente ligadas aos seus interesses pessoais, todos se recusam a contestá-lo pelo motivo acima citado, a menos que ele próprio conceda o direito de recusar. Portanto, é com o apoio da prática divinatória que o pai-de-santo se coloca numa singular posição para tomar as decisões socialmente importantes visando, por princípio, o equilíbrio do grupo. Assim, a prática da adivinhação é um suporte de extrema importância para a continuidade harmoniosa do grupo religioso e um mecanismo à disposição do pai-de-santo para diminuir ou eliminar as tensões sociais aí verificadas.

Contudo, para que o pai-de-santo possa exercer o seu poder, é necessário que ele dê prova de sua inteligência divinatória, e que ele mesmo esteja convencido do seu poder, adquirido de uma experiência religiosa profunda. É esta experiência que vai provocar o desenvolvimento de sua capacidade de observação crítica, preparando-o para o exercício de sua atividade sacerdotal. Essa capacidade de observação crítica dá ao pai-de-santo as condições indispensáveis para agir face ao mundo profano. Porém, sua ação só atingirá os efeitos esperados, se acionada por forças religiosas que o pai-de-santo deve estar convencido possuir. Assim, para o pleno exercício divinatório ele volta-se para dentro de si mesmo na busca de elementos mágicos que lhe permitirão operar, de maneira lógica e racional, diante dos problemas que enfrenta. Esta passagem de um saber ou de uma experiência religiosa para uma inteligência prática define e consolida o exercício do poder sacerdotal.

DIVINATORY PRACTICE AND EXERTION OF POWER

Under the same title, Júlio Santana Braga introduced and maintained a doctor's thesis at the National University of Zaire. This article results from researches achieved at the candomblés of Bahia for the formulation of the academic work and is an investigation over the divinatory practice in the Afro-Brazilian cults, their various plans, from de individual to the religious ones. After examining this scale of meanings, the Writer puts in focus the reflex of the divinatory

practice on the social field, in the ambit of the houses of cult and communitary organization, deducing its functions as a relief valve and as a factor of strengthening of the "pai-de-santo" authority, holder of the divinatory wisdom within the social group".

PRATIQUE DIVINATOIRE ET EXERCICE DU POUVOIR

Sous le même titre, Júlio Santana Braga a présenté et soutenu une thèse de doctorat à l'Université Nationale du Zaïre.

Cet article résulte des recherches réalisées dans les candomblés de Bahia pour la formation de l'ouvrage académique et constitue une enquête autour de la pratique divinatoire dans les cultes afro-brésiliens, dans ses différents plans, de l'individuel jusqu'au religieux. Après avoir examiné cette gamme de significations, l'Auteur fait ressortir les reflets de l'exercice divinatoire dans le cadre social, aux contours des maisons de culte, et de l'organisation communautaire, et déduit qu'il fonctionne comme un soupape d'échappement des tensions et comme facteur d'affermissement de l'autorité du "pai-de-santo", détenteur de la sagesse divinatoire dans le groupe social.